

AMAZÔNIA: PECULIARIDADES DO
IMAGINÁRIO EUROPEU, SÉCULOS
XVI E XVII

Arcângelo da Silva Ferreira

**AMAZÔNIA: PECULIARIDADES DO IMAGINÁRIO EUROPEU,
SÉCULOS XVI E XVII**Arcângelo da Silva Ferreira¹

Resumo: Neste ensaio, essencialmente, procuramos ponderar sobre o imaginário europeu acerca da Amazônia. Nosso corpus de análise são as crônicas e diários de viagens elaborados no século XVI e XVII. Concluímos que tal imaginário é fruto e produto de um tempo moderno, porém, fundamentalmente, caracterizado pela mentalidade medieval. .

Palavras-chave: Amazônia; Imaginário; Séculos XVI e XVII.

Resumen: En este ensayo, esencialmente, tratamos de reflexionar sobre el imaginario europeo sobre la Amazonía. Nuestro corpus de análisis son las crónicas y diarios de viaje elaborados en los siglos XVI y XVII. Concluimos que tal imaginario es fruto y producto de un tiempo moderno, pero fundamentalmente caracterizado por la mentalidad medieval.

Palabras clave: Amazona; Imaginario; Siglos 16 y 17.

É sabido que os registros iniciais referentes à presença dos povos originários na Amazônia foram realizados pelos cronistas das expedições espanholas e portuguesas, no século XVI e XVII. Relativo a isto, conforme minucioso estudo do historiador Auxiliomar Silva Ugarte (2009), apresentamos a seguinte relação: Das expedições ocorridas no século XVI, temos, respectivamente: Diogo Nunes, da expedição de Alonso de Mercadilho (1538); Gaspar de Carvajal, da expedição de Francisco Orellana (1541-1542); Francisco Vazquez, Pedrarias Alместo, Altamirano, da expedição de Pedro de Ursua e Lope de Aguirre (1560-1561).

Das expedições realizadas no século XVII, temos: André Pereira, na expedição do português Francisco Caldeira Castelo Branco (1616); Alonso de Rojas, Pedro Texeira, Cristóval de Acuña, Maurício de Heriarte, na expedição do português Pedro

¹ Universidade do Estado do Amazonas (UEA). adferreira@uea.edu.br. <http://lattes.cnpq.br/9113189483754566>

Texeira (1637-1639); Laureano de La Cruz, na Missão Franciscana na província Omágua do Alto Amazonas (1647-1650); Francisco de Figueiroa e Samuel Fritz, na Missão jesuítica de Maynas no Alto Amazonas (1642-1666/1686-1723).

Os primeiros indícios históricos sobre os povos originários da Amazônia a serem analisados pelos etnólogos foram os registros escritos e iconográficos deixados pelos cronistas, mestres da gravura e cartógrafos que acompanharam as expedições à Amazônia nos séculos XVI e XVII. Destas iremos utilizar alguns documentos para, a partir destes tecer algumas ponderações sobre os primeiros contatos entre europeus e indígenas no alvorecer do processo da colonização da Amazônia.

Através das mencionadas fontes é possível extrair, por um lado, o imaginário europeu sobre a Amazônia e seus habitantes; imaginário, por sinal, herdeiro da tradição judaico-cristão e da “consciência do fabuloso” (resquícios da mentalidade medieval). Por outro lado, a expectativa dos colonizadores europeus, caracterizada pela busca, na Amazônia, da oportuna condição de exploração profícua, principalmente, metais preciosos, especiarias e a força de trabalho.

Encanto e expectativa. Peculiaridades que fazem do viajante europeu um sujeito em transição. É moderno, por ser filho de um determinado tempo histórico: aquele das transformações científicas. Mas é também, medievo, pois é sujeito intrinsecamente laçado por uma cosmovisão fantástica. Como afirma a pesquisadora adiante:

[...], a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes.

Nesse bojo inclui-se, ainda a mitologia indiana que, a par de uma natureza variada, delinea e apavora os homens medievais. A tal conjunto de maravilhas anexam-se as monstruosidades animais e corporais, incluídas tão somente enquanto oposição ao homem considerado como adamita normal e habitante de um mundo delimitado por fronteiras orientadas por tradições religiosas. (GODIN, 1994, p. 9).

Ademais, estando no âmbito da estrutura de seu imaginário, as representações fantásticas não atravessaram somente oceanos e mares: perpassaram temporalidades (FERREIRA, 2022).

E esta viagem, através das temporalidades, contribui para que determinadas representações pré-concebidas, formuladas pelo homem moderno europeu, sobre os povos originários, perpetuassem-se, basicamente, na ordem de um discurso estruturado por significativos vocábulos, os quais ainda estão imbricados na atualidade, como nos faz lembrar o historiador citado adiante:

[...], as palavras *civilização* e *barbárie* por exemplo, ou os termos *índio* e *bugre*, tiveram no desenvolvimento da cultura brasileira e do pensamento político nacional ao longo do tempo, tornando-os discriminadores. Palavras excludentes que criaram barreiras culturais, fazendo com que os indígenas se tornassem os grandes “mudos da história do Brasil”. (LEONARDI, 1996, p. 281.).

Pertinente verificação, ela ajuda-nos a compreender um processo de longa duração histórica. Ora, os povos originários foram e, infelizmente, continuam sendo representados com os empecilhos para o motor da civilização. Equívoco que precisa ser refutado, constantemente.

Vale destacar que, para pensarmos sobre as formas de organização, estruturadas pelos indígenas, as crônicas de viagem, e outros documentos, como por exemplo, os diários e a cartografia produzida nos séculos XVI e XVII, obviamente, nos trazem chaves de leituras profícuas para conjecturarmos sobre o imaginário europeu acerca da Amazônia e seus habitantes: os povos originários.

Apesar das interpretações pejorativas inscritas nas crônicas modernas é possível, através desses primeiros registros, conjecturar no que concerne às populações humanas à chegada dos europeus. É assim que podemos reescrever sobre

parte da história dos contingentes populacionais que ocupavam, principalmente, os ecossistemas de várzea.²

Neste ensaio faremos ponderações, ancorando-nos em alguns estudos, sobre as crônicas de Frei Gaspar de Carvajal, Frei Laureano de La Cruz e o Diário de Samuel Fritz, como exemplo. Estas, são fontes fecundas para pesarmos, primeiro, na especificidade das representações feitas pelos cronistas dos séculos XVI e XVII, onde constam determinados parâmetros que nos fazem entender o olhar estrangeiro sobre a região e as populações humanas. Segundo, indicam a peculiaridade dos encontros e dos choques que esses primeiros contatos trouxeram aos povos originários.

Nesse sentido, em princípio, façamos mão da crônica de Frei Gaspar de Carvajal intitulada *Relação do Famosíssimo e muito poderoso rio chamado Marañon*. Vejamos, então, alguns entretuchos:

Aqui se viram índias com arcos e flechas, que faziam tanta guerra como os índios, ou mais, e acaudilhavam e animavam os índios para que pelejassem; e ainda, quando elas queriam, batiam com os arcos e flechas nos que fugiam, e faziam o ofício de capitães, mandando aqueles guerreiros para que estivessem firmes na batalha, a qual se travou fortemente. E porque este exercício é tão apartado das mulheres como o sexo feminino requer, e poderá perceber grande novidade ao leitor que leia esta minha relação, digo para meu descargo [*de consciência*] que eu falo o que vi; e o que pudemos entender e se teve por certo, é que mulheres que ali pelejaram, como amazonas, são aquelas de quem, em muitas e diversas relações, há muito tempo que anda uma fama estendida nestas Índias ou partes [*delas*], decantada de muitas formas, da existência dessas mulheres belicosas. As mesmas têm, nesta província e não longe dali seu senhorio, *mero mixto império* e absoluto senhorio, distante apartado e sem conversação com varões. E estas que vimos eram algumas administradoras e visitadoras de seu estado, que tinham vindo ali para guardar a margem. São altas e de grande estatura, desnudas, com um pequeno pano que somente traziam diante de suas partes vergonhosas; porém, na paz andam vestidas de mantas e tecidos de algodão, engenhosos e esmerados. (CARVAJAL, 2021, p. 292)

² Basicamente a Amazônia é composta de dois ecossistemas: várzea, lugares ciclicamente inundados pelo movimento da subida e descida dos rios; terra firme, com lugares distantes dos rios.

E ainda:

Ali, o capitão perguntou ao índio, que é dito, [*sobre*] a disposição e a qualidade da terra, e [*estes*] disse dentro da [*mesma*] há muitas povoações, grandes senhores e províncias, entre as quais, disse, uma província grande de mulheres, e que entre elas não há varões. E que todas aquelas terras estão ao seu serviço e são [*suas*] tributárias; e que ele havia ido [*até*] há muitas vezes a servir; e que têm as casas de pedra, e que por dentro das casas, até meio estado de altura, as paredes têm placas de prata ao seu redor; e os caminhos, de um lado e de outro, [*são*] amurallados de paredes bem altas, e [*têm em determinados*] trechos uns arcos, por onde entram os que ali contratam, e pagam seus direitos às guardas que estão destinadas para isto. E este índio dizia que há muita quantidade de ovelhas grandes do Peru e muito grande riqueza de ouro; porque todas as [*mulheres*] que são senhoras se servem com [*vasilhas*] dele, e as outras mulheres, plebeias de mais baixa condição, se servem com vasilhas de pau, e todas andam vestidas de lã muito fina; este índio dizia, ainda que de longínquas terras, de províncias aonde estas mulheres vão guerrear, trazem índios, por força, à terra delas, em especial os [*súditos*] de um grande senhor, que se chama *Rei Branco*, a fim de gozarem com eles em suas carnalidades para sua multiplicação; e os têm consigo algum tempo até que fiquem grávidas; e depois que sentem haver concebido, enviam-nos [*de volta*] à sua terra; e se depois elas parirem filhos varões, ou os matam ou os enviam a seus pais; mas, se for filha [*a criança*] que parirem, criam-na em seus peitos e a ensinam nas coisas da guerra. (CARVAJAL, 2021, p. 293)

A historiografia atualizada sobre a História da Amazônia pré-colonial interpreta o relato de Carvajal sobre a presença das amazonas como uma espécie de ressignificação de narrativas presentes na Literatura europeia, espaiadas desde à Antiguidade. Erudito, Frei Gaspar de Carvajal adapta a referida lenda aos mitos já existentes na Amazônia. Devido a esta apuração é quase consenso que as amazonas estão representadas de forma fabulosa nas crônicas. Nesse sentido, é provável que sejam fruto e produto de determinadas funções psíquicas de sua memória. Como afirma o mais recente tradutor da crônica de Carvajal para a Língua Portuguesa, o historiador Auxiliomar Silva Ugarte:

Quer tivesse recorrido aos registos escritos, feitos após cada conjunto de ocorrências vivenciadas, quer tivesse acessado o variado conjunto de suas lembranças e as de seus consortes da expedição, frei Carvajal construiu seu 'testemunho' a partir da faculdade humana da memória. O historiador Jacques Le Goff assim definiu: A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (UGARDE, 2021, p. 23).

Por outro lado, é mister compreender as intenções que estão nas entrelinhas desta narrativa fabulosa:

1. A necessidade de indicar que na América havia uma nação semelhante às nações europeias, com uma organização hierarquizada politicamente. Convicção que facilitaria o processo de colonização da Coroa espanhola sobre a região;

2. A presença de prata e ouro na arquitetura que moldava as edificações que compunha as províncias onde habitavam as amazonas, como sugestão de que seria viável à Coroa espanhola financiar novas expedições;

3. O fato de poucos espanhóis vencerem as inúmeras guerreiras, sugere, por um ângulo, a supremacia da sociedade civilizada europeia sobre àquela sociedade localizada na América; por outro, a superioridade masculina, representada na mentalidade judaico-cristã europeia, influenciada pela narrativa mitológica bíblica, presente na mentalidade da sociedade moderna.

Vale reafirmar que, apesar de alguns estudos, não foi possível apresentar provas concretas sobre a descrição feita por Carvajal no tocante à presença das amazonas na Amazônia. Mas, outros registos foram corroborados, principalmente com a ajuda das pesquisas arqueológicas, como é o caso de determinadas etnias indígenas elucidadas por Carvajal.

Nessa medida, no decorrer de sua narrativa, a crônica de Carvajal chama a atenção para o estranhamento face a magnitude da cultura Omágua. A surpresa, assim

como ocorreu com as amazonas, reside na certificação feita por Carvajal sobre a complexa organização social, política e da densidade demográfica dos omáguas.

O Etnohistoriador Antônio Porro (1995), por exemplo, afirma em seus estudos que os omáguas ocuparam uma extensão territorial de mais de 600 km ao longo do alto curso do rio Amazonas, mais precisamente, desde o baixo rio *Napo* (hoje localizado em parte do Equador e Peru) até os rios Javari e Iça (atualmente, em parte do Estado do Amazonas).

Abaixo temos dois trechos da crônica de Carvajal sobre o que ele chama de província de Apária:

E seguindo nossa viagem, fomos à busca de uma povoação chamada Apária, que é [também o nome do] principal senhor da mesma e da província, a qual está de uma e de outra banda do rio.

[...].

Dessa maneira, percorremos pelas margens e terras das povoações deste cacique [principal], que é comprida distância, por ser grande o seu senhorio;" (CARVAJAL, 2021, p.p. 230 e 233).

Apária, de fato, seria uma referência à etnia denominada Omágua.

Após a União Ibérica, no contexto da *Restauração*, no século XVII, por meio das missões religiosas, ocorreram duas investidas com o objetivo de catequizar os omáguas. Primeiro, foram os franciscanos, liderados pelo Frei Laureano de La Cruz. Depois, os jesuítas, sob o comando de Frei Samuel Fritz. A primeira fracassou, mas a segunda obteve sucesso. Talvez a citação seguinte nos ajude a compreender o contexto histórico deste período:

A partir da Restauração da autonomia política de Portugal, em 1640, que inaugurou uma dinastia, a de da Casa de Bragança, o meridiano de Tordesilhas voltava a ser o marco divisor entre as colônias de Portugal e as de Espanha, na América do sul. Todavia, as autoridades lusitanas do Estado do Maranhão e Grão Pará, já controlando a região do Baixo Amazonas, notadamente a foz do rio-mar, passaram a reivindicar,

também, o território do Alto Amazonas que Pedro Texeira, em 1639, conquistou *pela e para* a Coroa de Portugal. Assim, não reconheciam mais a validade do meridiano, em razão das novas circunstâncias surgidas. (UGARTE, 2006, p. 26 – grifos do autor).

Através do testemunho do espanhol, franciscano, Frei Laureano de La Cruz, impresso no documento intitulado *Nuevo descubrimiento del Marañon ilamado de Amazonas hecho por la Religion de S. Francisco, año de 1651*, um missionário enviado a mando da Coroa espanhola à região dos omáguas, é possível compreender os motivos pelos quais esta missão não conseguiu atingir seu principal objetivo: tornar, necessariamente os omáguas, súditos da Coroa espanhola.

Dentre os motivos de sua missão, destacam-se (UGARTE, 2006):

1. a necessidade de cristianizar as populações indígenas;
2. o desejo de controlar a vasta força de trabalho para a exploração das riquezas naturais;
3. a suposta facilidade em tornar os omáguas súditos da Coroa espanhola, haja vista sua organização hierárquica e obediência política, relações socioeconômicas avançadas aos olhos dos colonizadores.

Entretanto, como dissemos, a missão do frei franciscano falhou. Ainda segundo o mesmo historiador, mencionado acima, os principais motivos foram os seguintes:

1. as dificuldades linguísticas;
2. a adaptação ao meio ambiente;
3. falta de assistência substancial da Espanha.

Mas, principalmente:

[...] é bem verdade que os Omáguas se aborrecessem com as repressões feitas pelos missionários por causa das festas constantes, da prática do infanticídio, das incursões guerreiras para cativar inimigos, da sua relutância em sair das várzeas. [...]. (UGARTE, 2006, p. 32)

Em suma, como vimos, a missão de frei Laureano de La Cruz falhou porque não ocorreu uma relação de alteridade tanto por parte dos missionários franciscanos como dos omáguas. Apesar disso, é possível afirmar que a referida missão plantou determinadas sementes religiosas na mentalidade dessas populações indígenas, pois, como veremos adiante, devido a determinadas circunstâncias históricas, durante a missão de Samuel Fritz, os omáguas optaram em ingressar no grêmio da Igreja católica para, assim, continuar sobrevivendo.

Considerar também que o projeto colonial europeu, de certa forma, manterá gradativamente suas bases estruturais a partir da consolidação dos padrões materiais. Argumentamos que a culminância da dominação está diretamente relacionada à colonização do imaginário dos povos originários a partir do processo de interpenetração cultural que ocorreu através da imposição da cultura europeia, principalmente, por meio da catequese cristã. Para tanto, paralelo a esse processo de dominação, o predomínio material e territorial foi necessário.

Nesse sentido, a missão de frei Laureano de La Cruz pode ser considerada uma das primeiras balizas dessa estrutura de ascendência material e, conseqüentemente, espiritual impostas pelo projeto judaico-cristão e mercantilista, implementado pelos europeus à Amazônia, na região da etnia omágua, durante a colonização.

Recorrendo a uma nota de pé de página d' *O diário do padre Samuel Fritz*, outra fonte histórica essencial, escrito pelo missionário jesuíta, natural da Boêmia, o qual esteve entre os Omáguas no século XVII, temos as seguintes informações sobre a aludida etnia indígena:

Foi outrora uma nação poderosa e forte. O país dos Omáguas era uma das regiões em que a tradição situava o incerto e famoso *El Dorado*, sonho constante dos que vinham à conquista da América. Deviam existir ali lagos com fundo de ouro, rios que carregavam areias desse metal, espaços imensos por eles cobertos. Largas e custosas expedições se empreenderam para buscar por mar e terra o país fabuloso. Não impedia o desengano de uns que outros corressem ao encalço da mesma miragem, porque como disse Humbolt – “era um fantasma que parecia fugir aos Espanhóis e os chamava a todas as horas. (PINTO, 2006, p. 67).

A fim de ilustrar as palavras impressas na citação, convém trazeremos uma fonte iconográfica:



Figura I: Estampa 24 – Índio Cambeba

Fonte: FERREIRA, Alexandre Rodrigues. “ICONOGRAFIA”. In.: *imagem filosófica*, 2ª edição. – Manaus: Editora Valer, 2008.

Apesar de ser uma representação, portanto, jamais o registro fiel da realidade, essa imagem oferece alguns indícios para que possamos descrever determinadas peculiaridades dos omáguas: primeiro, o formato achatado de sua cabeça, era uma prática comum entre eles comprimir o crânio dos recém-nascidos, até o término da primeira infância, utilizando, para tanto, duas talas de madeira. Por isso, na imagem, a caixa craneana do omágua aparece com um aumento de sua arcada superficial.

O achatamento da cabeça dos omágua fez com que esta etnia indígena ganhasse a alcunha, criada pelos europeus, de “cabeça chata”. Assim eram chamadas na Língua Geral (sobre esta Língua iremos verificar linhas abaixo) como “Cambeba”.

Outro aspecto chama a atenção: o fato de aparecerem totalmente vestidos na imagem. Isto é relativo aos níveis de complexidade de sua cultura, pois diferentemente das outras etnias, conforme os registros deixados pelos cronistas, fabricavam suas indumentárias a partir da produção de algodão.

A historiografia especializada sobre a cultura dessa etnia, afirma que o uso de roupas está relacionado também aos primeiros contatos com os costumes europeus. Assim, a fonte iconográfica a qual estamos usando sugere, que a etnia em questão passou por um processo de interpenetração cultural, isto é, apropriou-se da cultura alheia, a europeia, pois o uso de roupas não fazia parte da cultura indígena antes da chegada dos europeus, obviamente.

Outra peculiaridade, que a gravura pode nos ajudar a pensar sobre os Omágua, gira em torno da tecnologia bélica: a arma que o indígena carrega, na gravura, demonstra uma determinada habilidade de seu inventor, se comparado ao tradicional arco e flexa, utilizados por outras etnias.

Os cronistas também chamavam os omáguas de “os Fenícios da América pela destreza em navegar o grande rio, em cujas margens habitavam” (PINTO, 2006, p. 68). E viajantes também registram que esta etnia conheciam o látex, do qual fabricavam objetos. Encontramos essa descrição, inclusive, em uma fonte do século XIX, anotada pelo explorador francês Charles Marie de La Condamine em seu livro *Viagem pelo Amazonas (1735-145)*.

Observando a imagem, inscrita no livro do baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, e o fragmento da crônica de Carvajal, a nota do Diário de Samuel Fritz, podemos buscar compreensão sobre os interesses dos europeus na etnia Omágua, o que perdurou do século XVI ao XVII, quando finalmente foram colonizados.

Aos olhos dos europeus, a etnia Omágua apresentava traços da civilização europeia, principalmente pelo fato de terem a figura do Principal, o Apária maior, isto é, para os europeus já possuíam uma determinada hierarquia social e política.

A lenda do *El Dorado* consiste em outra peculiaridade a qual girava em torno da cultura Omágua, porém, não devemos perder de vista que esta foi uma crença forjada pelo imaginário europeu. Nesse sentido, as fábulas sobre a província de Apária também contribuíram, significativamente, para impulsionar a vontade de concretizar os desejos dos colonizadores.

Por isso, a etnia Omágua seria alvo da expedição de Úrsua e Aguirre (1560-1561) em busca do *El Dorado*, como nos informa o historiador Auxiliomar Ugarte (2008, p. 20):

Essa expedição [Jornada de Omágua y Dorado (1560-1561)] originou-se, como as demais, nas histórias de fantásticas riquezas existentes nos territórios do leste dos Andes. Depois da viagem que Orellana comandou em 1542, os espanhóis retornaram seu interesse pelas regiões ainda não conquistadas do interior sul-americano. É possível que muitas das notícias, que os tupi deram aos espanhóis fossem interpretadas como referentes aos ‘ricos países’, por onde aqueles índios passaram, antes de encontrar o Peru. Ao antigo mito de El Dorado vinha, agora, juntar-se o do Reino de Omágua; o primeiro, anterior a expedição de Gonzalo Pizarro, e, portanto, à de Orellana; o segundo como consequência desta, uma vez que não somente Orellana, mas também seus companheiros de viagem, inclusive Carvajal, deram vazão à história de sua aventura no Rio das Amazonas, que se espalhou na América, principalmente no Peru.

Voltando nossas reflexões sobre o valor do diário deixado por Samuel Fritz, é possível pensar, com historiadores contemporâneos, que a ação missionária do boêmio, foi crucial para que os omáguas fossem colonizados, incorporando-os, desta feita, ao mundo cristão ocidental. O “sucesso” sobre a referida etnia deve-se ao processo de “colonização do imaginário”, paralelo à colonização territorial e material

da referida etnia. O que já vinha acontecendo desde as missões anteriores direcionadas à referida etnia, como já mencionado em linhas acima.

A citação seguinte ilustra esta afirmação:

Em todas as etapas de seu apostolado na região do alto Amazonas, Samuel Fritz exerceu um fascínio sobre os índios, oriundo de sua personalidade carismática. Sem nos determos em assunto tão melindroso, podemos dizer que o jesuíta boêmio foi centro de uma possível expectativa messiânica no alto Amazonas. Para tanto, contribuíram a situação de penúria que aqueles povos sofriam (as investidas lusitanas, epidemias, escravidão) e a alteração nos valores e crenças indígenas advinda do trabalho catequético realizado por Fritz, que poderíamos chamar de colonização do imaginário, utilizando-nos da terminologia que Serge Gruzinski cunhou para falar da ocidentalização das sociedades indígenas do México colonial. (UGARTE, 2006, p. 264).

Conforme a reflexão do historiador supracitado, a ressignificação do imaginário indígena através da ação missionária criou pontes culturais entre a religiosidade omágua e a religiosidade cristã. Isto possibilitou o processo de dominação. Ora, o processo civilizatório europeu, historicamente, girou em torno de inúmeros tentáculos, os quais amalgamaram a relativa dominação europeia sobre os povos originários da Amazônia.

Para corroborar as estruturas materiais de exploração, obviamente, foi necessário a persuasão ideológica através da ressignificação dos omáguas, por exemplo. Os dogmas, os valores morais e éticos, em suma, toda uma estrutura do imaginário europeu foi, gradativamente se apropriando e ressignificando a estrutura do imaginário da referida etnia indígena.

Porém, isto não significa dizer que os omáguas perderam os seus imaginários. Ao contrário, é sabido por meio da Historiografia atualizada sobre a temática da catequização dos omáguas que estes também se apropriaram dos referências da

religião judaico-cristã para garantir sua sobrevivência, pois tornar-se cristão e súdito da coroa espanhola era uma questão de vida ou morte.

Nesse sentido, paralelo a colonização territorial do Velho mundo sobre o Novo mundo, ocorreu a colonização do imaginário dos povos originários. É, não podemos perder de vista que estes processos históricos, relativos à expansão do Mercantilismo e, conseqüentemente, da Igreja Católica, reside no chão histórico de determinadas condições objetivas: a penúria, a fome, as doenças trazidas pelos europeus à etnia omágua.

Segundo alguns estudiosos, sendo um cartógrafo, uma das principais contribuições de Samuel Fritz, foi a elaboração de um mapa, no contexto do século XVII. Adiante reproduzimos este documento:

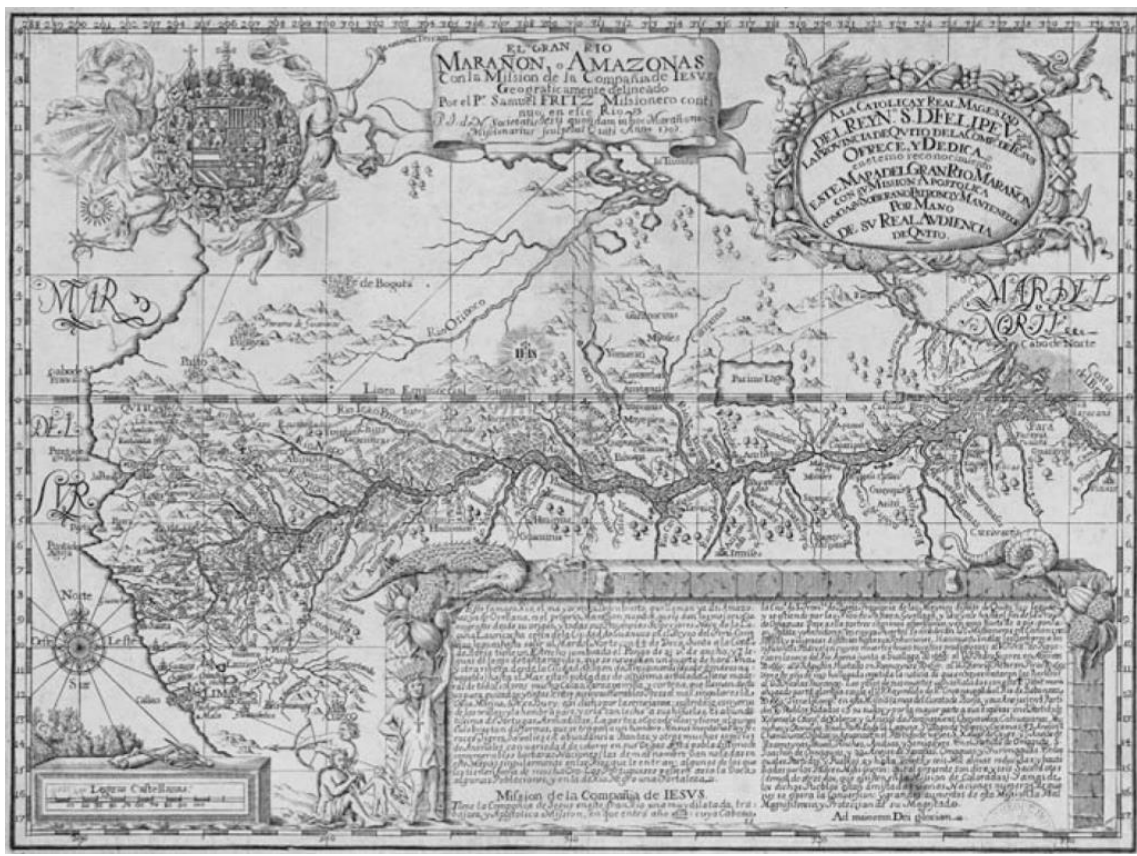


Figura I: Samuel Fritz, S.I. El Gran Rio Marañon, o Amazonas com la Mission de la Compania de Jesus, 1797. Fonte: <https://th.bing.com>

A Historiografia contemporânea, afirma que esta cartografia é uma importante fonte histórica para se compreender as estratégias geopolíticas das Coroas espanhola e portuguesa no que consiste ao processo de colonização da Amazônia, através da ação missionária.

Por isso, Fritz, nascido na Boêmia, atual República Tcheca, cartógrafo, sendo um missionário jesuíta a mando do reino espanhol, utiliza o seu mapa para tecer ferrenhas críticas às investidas da Coroa portuguesa na região das Missões de Maynas, localizada na Amazônia Ocidental, onde habitavam os omáguas.

Há, no mapa, por exemplo, informações sobre o interior da América do Sul, até então inexistente nos mapas elaborados pelos agentes da colonização portuguesa. Por exemplo, o significado religioso da demarcação das fronteiras do espaço missionário jesuítico (espanhol), inscrito no mapa, intenciona legitimar a hegemonia geopolítica da Coroa espanhola na região.

Outrossim, a referida cartografia é fonte profícua para buscarmos compreensão sobre a cultura material das etnias localizadas no alto rio Amazonas, por exemplo; sobre a localização e movimento do rio Amazonas e seus afluentes; relativo à geografia humana sob o olhar de Samuel Fritz. Em suma, apresenta novas informações sobre diversas regiões da Amazônia, as quais não constavam em mapas anteriormente elaborados.

Pelo menos três versões foram feitas da aludida cartografia. A primeira de 1689, a segunda data de 1691 e a definitiva de 1707. Após sua oficialização e publicação, em 1707, foi possível localizar, por exemplo, as missões de Nossa Senhora de Guadalupe dos omáguas e São Paulo, fundadas em 1693. O mapa também oferece precisões sobre o cálculo das latitudes ao longo do rio Amazonas. Como vimos, é um documento não somente de cunho geográfico, pois através dele é possível compreender, inclusive, indícios da história cultural da região a qual retrata.

Como estamos tentando argumentar, a ocupação da região onde estavam localizados os omáguas, esteve na ordem do dia do projeto de colonização, principalmente das Coroas espanhola e portuguesa. Persuadir os omáguas seria, portanto, o caminho mais viável para a “conquista da Amazônia” pelos europeus.

Perpassadas as temporalidades, curiosamente, inexistem registros, nos documentos oficiais criados no século XVIII, que indiquem a presença dos omáguas na Amazônia. Por isso, a historiografia, do referido contexto, defendeu a tese da total dizimação desta etnia. Entretanto, nos registros do século XIX, voltam a aparecer: empobrecidos, ínfimos, quase sem território. Nessa medida,

Na verdade, por mais de duzentos anos estes índios foram aos poucos guardando em silêncio sua identidade étnica diante da sociedade nacional e produzindo uma memória coletiva às sombras da sociedade majoritária.

Os Cambeba reapareceram no cenário indígena regional a partir do início dos anos de 1980 do século XX, quando se reafirmaram como indígenas no Médio rio Solimões, no contexto do surgimento do chamado “Movimento Indígena” no Brasil. Nessa época o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) começou a viajar pela região juntamente com missionários da Prelazia de Tefé, realizando reuniões, encontros e assembleias com vários grupos indígenas do Médio Solimões e afluentes. Os Cambeba se reafirmaram como indígenas numa destas assembleias e começaram a se reorganizar etnicamente em função da conquista de um território e de melhores condições de vida. Hoje, os Cambeba têm uma população estimada em 325 indivíduos distribuídos em três aldeias no Médio Solimões, uma no Baixo rio Negro e na cidade de Manaus. (MACIEL, 2006, pp. 196-197)

Como podemos constatar a partir das pesquisas do historiador citado acima, a alhures *aldeia da louça*: densamente povoada, com um vasto território, com uma majestosa cultura aos olhos dos cronistas do século XVI e XVII, perdeu-se no tempo. Ficou nas dobras das memórias. Devido ao histórico processo de colonização, sofreu

uma brusca transformação socioeconômica. Na atualidade, luta por sua sobrevivência e pela permanência de sua história.

Depois de utilizarmos apenas algumas fontes produzidas durante os séculos XVI e XVII para ponderarmos sobre os primeiros contatos entre europeus e indígenas na Amazônia podemos apresentar algumas constatações, a partir das reflexões de historiadores que se debruçaram sobre esta temática.

Por exemplo, as conclusões do professor Auxiliomar Silva Ugarte (2009):

1. No contexto do século XVI, a busca de riqueza não foi o único interesse dos europeus ao cursarem ou tentarem se estabelecer na região Amazônia; havia também motivações de ordem imaterial.
2. Apesar de ser considerado a principal via de acesso ao vale amazônico, o rio Amazonas não foi o único caminho para a “conquista da Amazônia”.
3. No decorrer de quatro décadas, durante o século XVI, a parte central da Amazônia permaneceu desconhecida, pois nenhum europeu extrapolou o litoral atlântico.
4. Somente no final da década de 1530 e inícios da década de 1540, os espanhóis entram no interior da Amazônia: Alonso de Mercadillo, Gonzalo Pizarro, Francisco Orellana. Destas entradas surgem as fabulosas narrativas sobre: o *País da Canela*, o *Reino de El Dorado*, o *Reino de Omágua* e o *Reino das Amazonas*.
5. Durante a União Ibérica (1580-1640), a Amazônia é quase que totalmente desconhecida dos europeus, com exceção de alguns lugares localizados no alto e baixo Amazonas.
6. Com o final da União Ibérica, após a *Restauração*, o processo de ocupação e dominação da Amazônia dar-se-á através do estabelecimento das missões

religiosas. Assim, os franciscanos atuaram em dois momentos: dentre os anos de 1647 a 1650 adentraram o alto Amazonas, depois, entre os anos de 1682 e 1687, agiram no mesmo território. Já os jesuítas, atuaram na *Província de Maynas*, no alto Amazonas, desde 1636 até o ano de 1770. Destas missões temos fontes históricas importantes: os relatos de Frei Laureano de La Cruz e, posteriormente, as cartografias e *O Diário de Samuel Fritz*.

7. A “conquista da Amazônia” pelos ibéricos, a serviço de Deus e das Coroas (espanhola e portuguesa) está mais relacionada a formalidade jurídica e territorial, em detrimento da ocupação de outros europeus (franceses, ingleses, holandês), assim como a ocupação gradativa dos territórios e da dominação e exploração da força de trabalho indígena.

No que consiste às crônicas deixadas pelos primeiros viajantes podemos considerar:

1. O valor dos testemunhos dos cronistas está na diversidade apresentada por suas narrativas no que diz respeito ao ambiente, fauna, flora, clima, rios, etc.) e as relações socioculturais (tipos de organização política e econômica) das populações indígenas.
2. Condições de possibilidade para traçar comparações entre as cosmovisões dos europeus com as das populações indígenas.
3. Analisar os processos de transformações ocorridos às populações indígenas a partir dos primeiros contatos com os europeus.

Referências Bibliográficas:

CARVAJAL, Frei Gaspar de. *Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado Marañon*. Trad. Auxiliomar Silva Ugarte. – Manaus: Editora Valer, 2021.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pela Capitania do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. (Memória I) – Antropologia*. Estudo histórico: Alfredo Brandão. Organização: Tenório Telles, 2ª edição – Manaus: Editora Valer, 2008.

FERREIRA, Arcângelo da Silva. *Narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica: Diálogos entre História & Literatura em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum*. Curitiba ; CVR, 2022.

GODIN, Neide. *A invenção da Amazônia*. – São Paulo: Marco Zero, 1994.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996.

MACIEL, Benedito do Espírito Santo Pena. “Entre os rios da memória”: história e resistência dos Cambebas na Amazônia brasileira”. SAMPAIO, Patrícia Melo; ERTHAL, Regina de Carvalho (orgs.). *Rastros de memória*. – Manaus : EDUA, 2006.

PINTO, Renan Freitas (Org.). *O diário do Padre Samuel Fritz*. – Manaus Editora da Universidade Federal do Amazonas/Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2006.

PORRO, Antônio. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. – RJ : Vozes, 1995.

UGARTE, Auxiliomar Silva. “Alvores da conquista espiritual do alto Amazonas (século XVI-XVII)”. In.: SAMPAIO, Patrícia Melo e ERTHAL, Regina de

Carvalho. *Rastro de memória: histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia*. – Manaus EDUA, 2006.

UGARTE, Auxiliomar Silva. “Fronteiras coloniais e Missão Religiosa na Amazônia Ibérica: o apostolado do jesuíta Samuel Fritz em Maynas (1686-1723). In.: PINTO, Renan Freitas (Org.). *O diário do Padre Samuel Fritz*. – Manaus Editora da Universidade Federal do Amazonas/Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2006.

UGARTE, Auxiliomar Silva. *Sertões de Bárbaros – O mundo natural e sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas (séculos XVI-XVII)*. – Manaus: Editora, Valer, 2009.